

FACULDADE DOCTUM DE PEDAGOGIA DA SERRA

ARACELIA LUIZA DOS SANTOS
DÉBORA LIMA RODRIGUES
EDILZE DIAS SHIGEOKA
VALÉRIA BELTRANE

**ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA DO ATENDIMENTO
HOSPITALAR NO ESPÍRITO SANTO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS EM CONSTRUÇÃO**

**Serra
2014**

ARACELIA LUIZA DOS SANTOS
DÉBORA LIMA RODRIGUES
EDILZE DIAS SHIGEOKA
VALÉRIA BELTRANE

**ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA DO ATENDIMENTO
HOSPITALAR NO ESPÍRITO SANTO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS EM CONSTRUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Faculdade Doctum de
Pedagogia da Serra como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Vasti
Gonçalves de Paula Correia

**Serra
2014**

ARACELIA LUIZA DOS SANTOS
DÉBORA LIMA RODRIGUES
EDILZE DIAS SHIGEOKA
VALÉRIA BELTRANE

**ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA DO ATENDIMENTO
HOSPITALAR NO ESPÍRITO SANTO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS EM CONSTRUÇÃO**

Monografia apresentada à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 09 de dezembro de 2014

Prof^a. Dr^a. VASTI GONÇALVES DE PAULA CORREIA
Orientadora

Prof^a.Ms. VERÔNICA DEVENS COSTA
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho...

Às nossas famílias, com carinho;

Aos nossos filhos, com alegria;

Aos nossos maridos, com amor;

Aos colaboradores, com amizade;

Às crianças entrevistadas, com respeito;

Aos professores do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Faculdade DOCTUM de Pedagogia da Serra, com gratidão, por compreenderem a importância de um momento tão especial em nossas vidas e por caminharem juntos conosco nessa trajetória difícil;

Agradecemos a Deus, pela vida de cada um de vocês e por fazerem parte das nossas vidas. Sem vocês não teríamos conseguido, amamos vocês!

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (Paulo Freire).

AGRADECIMENTO

Agradecemos a Deus, pois “grandes coisas fez o Senhor por nós, por isso estamos alegres”. Sem Ele, não seria possível chegarmos até aqui. Passamos por lutas, dificuldades, tristezas enfrentamos muitos obstáculos, mas, Deus nos fortaleceu, nos deu coragem, força, consolo e nos ajudou a prosseguir. Agradecemos por tudo que Ele tem feito nas nossas vidas, porque sem Ele nada podemos fazer.

À professora Dr^a Vasti, por acreditar em nós e dispor do seu precioso tempo para nos ajudar na orientação do nosso trabalho, por compartilhar conosco a competência, as experiências, o carinho, a dedicação e o conhecimento. Obrigada por ser nossa orientadora e pelo privilégio de fazer parte da nossa história.

A todos os professores que passaram pela nossa vida acadêmica compartilhando conhecimentos e contribuindo em nossa formação acadêmica. Em especial, aos professores do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Faculdade DOCTUM de Pedagogia da Serra, que em suas disciplinas contribuíram muito para o nosso aprendizado. Mostraram a importância da educação na vida de umas pessoas, nos fizeram ver evolução da educação ao longo da história e motivaram a fazermos a diferença nessa evolução. Cada um, com seu jeitinho especial, nos mostram que cada criança tem sua maneira de ser, e deve ser respeitada em suas especificidades, nos ensinaram as leis que regem a educação em nosso país e garante o direito de um ensino de qualidade, que depende da nossa atuação e responsabilidade. Obrigada a todos vocês pelo carinho, compreensão, dedicação e conhecimento compartilhado.

A todos do Hospital Infantil da Glória por nos receberem com tanto carinho e atenção, por partilharem conosco suas emoções, experiências, dificuldades, alegrias e conhecimento do trabalho com a classe hospitalar.

Às crianças hospitalizadas que nos mostraram angústia, sofrimento, amor, esperança, alegria mesmo com todas as adversidades da vida e que a educação é um excelente remédio.

Aos pais das crianças entrevistadas que permitiram o nosso contato com eles, compartilharam conosco suas experiências e mostraram força, amor, dedicação e união de uma família.

Obrigada a todos! Sem vocês o nosso trabalho não seria possível.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central conhecer e compreender quais são os desafios e possibilidades da pedagogia hospitalar no contexto em que ela é praticada. Para tanto, buscamos investigar em um hospital da região Metropolitana, tradicionalmente conhecido pelo atendimento educacional ofertado às crianças e adolescentes hospitalizados.

O estudo é de natureza qualitativa e utilizou como instrumentos de coleta de dados a observação e entrevistas. Participam da pesquisa mães e três pedagogas que atuam no Hospital investigado. A percepção e opinião de teóricos como Fonseca (2011), Ceccim (1997) e outros são apresentadas no texto, como forma de diálogo e aprofundamento da temática.

Entendemos, a partir das observações e entrevistas, que o esforço realizado pelos profissionais junto aos alunos/pacientes hospitalizados, promove o acesso à aprendizagem, assim como permite a essas pessoas um momento diferente num ambiente carregado de dificuldades em função da doença.

Na opinião dos familiares, o atendimento educacional oferecido aos filhos internados assume um diferencial extremamente importante em suas vidas. : Embora tenhamos consciência de que são grandes as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores no atendimento à classe hospitalar, de maneira geral, são atribuídos a uma gestão pouco comprometida com a área, uma vez que não oferece condições adequadas e suficientes para que os professores/pedagogos tenham uma atuação mais eficiente e mais humanizada.

Palavras-chave: classe hospitalar; atendimento educacional especializado; aprendizagem.

ABSTRACT

This work is mainly aimed to know and understand what are the challenges and possibilities of hospital pedagogy in the context in which it is practiced. Therefore, we sought to investigate in a hospital in the metropolitan region, traditionally known for educational services offered to hospitalized children and adolescents.

The study is qualitative and used as instruments of data collection observation and interviews. Mothers participating research and three educators who work in the investigated Hospital. The perception and opinion of theoretical and Fonseca (2011), Ceccim (1997) and others are presented in the text as a means of dialogue and deepening of the theme.

We understand, from observations and interviews, that the efforts made by professionals with the students / hospitalized patients, promotes access to learning, as well as allowing these people a different time in an environment fraught with difficulties due to the disease.

In the opinion of the family, the educational services provided to hospitalized children takes an extremely important difference in their lives. : Although we are aware that there are great difficulties and challenges faced by teachers in meeting the hospital class, in general, are assigned to a little management committed to the area since it does not offer adequate and sufficient conditions for teachers / educators have a more efficient and more human activity.

Keywords: hospital class; specialized educational services; learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	14
3. A PEDAGOGIA HOSPITALAR SOB A PERSPECTIVA DA LEGALIDADE.....	19
3.1 CONCEITO E OBJETIVOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	21
4. UM BREVE OLHAR SOBRE OS ESTUDOS NO CAMPO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	24
4.1 APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO SEGUNDO VYGOTSKY.....	28
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
7. REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A.....	41
APÊNDICE B.....	48

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de nosso particular conhecer e compreender quais são os desafios e possibilidades da pedagogia hospitalar no contexto que ela é praticada. Para tanto, buscamos investigar em um hospital da região Metropolitana, tradicionalmente conhecido pelo atendimento educacional ofertado às crianças e adolescentes hospitalizados.

É importante destacar que, quando falamos em educação, pensamos logo na pedagogia tradicional, vindo à nossa mente a imagem de uma escola com várias salas de aula, professores, alunos, quadros, livros, cadernos, canetas, lápis, borrachas e etc. Essa visão, de certo modo, acaba dificultando a compreensão de que é possível desenvolver ações pedagógicas e intencionais em outros contextos que não seja a escola, enquanto espaço físico.

Sabemos que a educação não acontece somente nas classes escolares. Ela pode acontecer também fora dos portões das escolas. Acontece também “muito além da sala de aula” possibilitando assim, o acesso à educação para muitos que estão impossibilitados de frequentarem a escola. A classe hospitalar é um exemplo disso.

No que diz respeito à educação no espaço hospitalar, essa visão vem mudando. Se, no passado, uma criança, quando era internada, perdia o ano escolar, ou era seriamente prejudicada em seus estudos de maneira geral, hoje já se tem assegurado, pelo atendimento educacional no contexto hospitalar, uma atenção de cunho institucional, por meio da qual o aluno é atendido plenamente tanto na dimensão do ensino quanto na dimensão da avaliação.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) de 2012¹, um a cada quatro alunos que inicia o ensino fundamental no Brasil abandona a escola antes de completar a última série. Com a taxa de 24,3%, o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono

¹ Disponível em www.escolahospitalar.uerj.br

escolar entre os 100 países com maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

É importante refletir que estão incluídos nesse alto índice de evasão escolar, crianças e adolescentes com problemas de saúde que estão em tratamento médico. Pensando nestes alunos, nossa pesquisa busca então conhecer as orientações e diretrizes que balizam a oferta do atendimento hospitalar nas situações de internação de alunos que estão regularmente matriculados na Educação Básica e conhecer e compreender, a partir de nossa inserção em um hospital no qual está presente o atendimento hospitalar de crianças e adolescentes, os desafios e possibilidades da pedagogia hospitalar no contexto no qual ela é praticada.

O Atendimento Educacional Especializado no ambiente hospitalar é uma área pela qual sempre nos interessamos. Por esse motivo é que fazemos desse interesse o foco de nosso trabalho de conclusão de curso. Queremos conhecer mais sobre as possibilidades da Pedagogia Hospitalar, dos atendimentos educacionais ofertados no ambiente do hospital e, se possível contribuir de alguma forma para que ele seja valorizado, respeitado e que mais crianças possam ser alcançadas por ele.

Embora se fale um pouco mais do que antes sobre a Pedagogia Hospitalar, ela continua sendo uma área pouco conhecida, pouco divulgada e que levanta muitas reflexões sobre sua atuação.

Nesse sentido algumas perguntas surgem:

- ✦ É possível haver aprendizado e desenvolvimento em um ambiente tão complexo?
- ✦ Até que ponto ele é realmente considerado pelas escolas?
- ✦ As ações educativas desenvolvidas no ambiente hospitalar realmente contribuem para um aprendizado efetivo?
- ✦ Qual é a política de contratação/formação dos profissionais que atuam nessa área?

- ▲ Como são estabelecidas as parcerias e as ações de interlocução entre a saúde e a educação?

Com essas perguntas/questionamentos é que nos propomos realizar esta pesquisa.

O objetivo central foi investigar, junto ao Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória, em Vitória, quais são os desafios e possibilidades da pedagogia hospitalar no atendimento a crianças e adolescentes hospitalizados.

A perspectiva metodológica que orientou nosso estudo assume a abordagem de pesquisa qualitativa, uma vez que este tipo de pesquisa:

[...] tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (...). “A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador como o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo (LUDKE; ANDRÉ, 1996, p.11)”.

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados a observação, a entrevista e o questionário.

Desse modo todo o processo de investigação se pautou nas seguintes etapas:

1º momento: Contato prévio com uma das coordenadoras responsáveis pelo setor de atendimento pedagógico do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória. Importante destacar que uma das pesquisadoras realiza Estágio Curricular no referido hospital.

2º momento: Realização de visita em caráter de observação, pelo grupo de alunas pesquisadoras. Com essa visita conhecer o espaço de atendimento oferecido aos alunos/pacientes, os recursos pedagógicos utilizados nos atendimentos, entre outros elementos que compõem o ambiente destinado.

3º momento - Retorno ao hospital para aplicação do questionário com as crianças hospitalizadas e realização de entrevista com as pedagogas e com as mães dessas crianças.

O texto, em seus capítulos subsequentes, apresenta: no **segundo capítulo**, um histórico acerca da Pedagogia Hospitalar no Brasil; no **terceiro capítulo**

uma abordagem sob o ponto de vista da legislação quanto à Pedagogia Hospitalar no Brasil; no **quarto capítulo** uma breve revisão de literatura na área; no **quinto capítulo** as discussões e reflexões a partir dos dados obtidos e, por último, no **sexto capítulo** nossas considerações finais sobre o estudo.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar surgiu através das necessidades de crianças e adolescentes doentes, em tratamento médico, para continuarem seus estudos. Ela vem, então, para garantir a continuidade dos estudos, o direito à educação. A escola, nesse sentido, tem o dever de ir onde os alunos estão. É a união da Educação com a Saúde.

Na perspectiva de Matos e Mugiatti (2007, p. 46):

Se a ação pedagógica integrada é importante para toda pessoa, também o será para a criança (ou adolescente) enferma, considerando que o seu processo de educação foi interrompido, gerando, entre outros impedimentos, o de frequentar a escola regular.

A Pedagogia Hospitalar tem se apresentado como uma ponte entre a educação e a saúde, desempenhando o seu papel em busca de garantir à criança e ao adolescente hospitalizado, em idade escolar, o direito à educação e à sociabilidade.

O trabalho educacional com pacientes pediátricos, no ambiente hospitalar, visa alcançar as crianças e adolescentes afastados da escola em virtude da enfermidade. Esse atendimento é feito através da classe hospitalar ou através do atendimento pedagógico domiciliar.

Na impossibilidade de frequência à escola, durante o período sob tratamento de saúde ou de assistência psicossocial, as pessoas necessitam de formas alternativas de organização e oferta de ensino de modo a cumprir com os direitos à educação e à saúde, tal como definidos na Lei e demandados pelo direito à vida em sociedade. (MEC 2007)

Preocupados com o crescimento desses tipos de modalidades de ensino, o MEC em 2002 elaborou um documento: “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar Estratégias e Orientações”, com o objetivo de estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes hospitalares e domiciliares.

A classe hospitalar faz o atendimento pedagógico-educacional à criança ou adolescente que estão internados ou em tratamento médico. Não importa se a

criança/adolescente está no hospital somente por um dia, semana ou em serviço integral à saúde mental.

Já o atendimento pedagógico domiciliar é feito, como o próprio nome já diz, em ambiente domiciliar. Se o aluno está impossibilitado de frequentar a escola por motivo de saúde, ele tem o direito receber o atendimento educacional em casa. Os dois atendimentos são importantes para a vida do paciente e de sua família.

Sabemos que as crianças e os adolescentes hospitalizados se tornam mais frágeis, sensíveis e sofrem grandes influências do ambiente onde se encontram. Em um hospital se sente fraca, desanimada, triste, sem poder brincar, longe da escola, dos amigos, por isso, sem estímulo para se curar.

Para conhecer, compreender, valorizar, respeitar, favorecer e ajudar o desenvolvimento de todo o trabalho da Pedagogia Hospitalar, se faz necessário voltarmos um pouco na história.

Segundo Esteves (2008), com o objetivo de atender as dificuldades escolares das crianças com tuberculose, em 1935 o francês Henri Sellier cria nos arredores de Paris a classe hospitalar. Seguindo seu exemplo, a Alemanha, a Europa, os Estados Unidos e o resto da França também aderem a essa forma de ensino. Mas, somente com o início da segunda guerra mundial, com muitas pessoas mutiladas e impedidas de frequentarem a escola, é que se pode considerar o início efetivo dessa modalidade de ensino.

Neste período houve grande número de crianças e adolescentes atingidos, mutilados e impossibilitados de ir à escola. Assim, cria-se uma ação coletiva, sobretudo dos médicos que hoje defendem a classe hospitalar.

Partindo deste ponto, surge o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada de Suresnes (CNEFEI) em 1939, na cidade periférica de Paris, com o objetivo de formação dos professores para o trabalho em institutos especiais e em hospitais. Também neste mesmo ano é criado o Cargo de Professor Hospitalar junto ao Ministério da Educação na França.

A missão do CNEFEI é mostrar à sociedade que a escola não é um espaço fechado e sim o encontro de sujeito com o novo saber (MATOS, 2008).

É possível verificar que a educação nos hospitais de diversos países surgiu por diferentes motivos: para garantia de meios sociais; como auxílio para crianças e adolescentes e como meio de reflexão e ação durante a internação.

No contexto brasileiro, encontramos na literatura que, na década de 50, no Rio de Janeiro, o Hospital Municipal Bom Jesus, deu início à modalidade de atendimento educacional e foi se fortalecendo com o passar do tempo, tendo como foco a luta pelo o direito à educação e pela humanização no atendimento hospitalar.

Esse trabalho hospitalar foi interessante e apresentou resultados satisfatórios em sua avaliação. Assim, surgiu na década de 60 em São Paulo o segundo hospital com o mesmo serviço. O Hospital, por nome, *Barata Ribeiro*, não tinha vínculo com o Estado, e contava apenas com o apoio do próprio pessoal da direção hospitalar. Na década de 80, outros hospitais com atendimentos pedagógicos se espalharam para as regiões Centro Oeste e Sul.

No decorrer da história da educação no Brasil, percebe-se que o atendimento pedagógico a essas crianças avançou com o apoio de educadores que aprovaram essa nova modalidade de ensino. Atualmente, no Brasil a Pedagogia Hospitalar se faz presente em quase todos os estados.

Assim sendo, em 2001 o Ministério da Saúde divulgou um projeto-piloto de atendimento que pudesse resgatar a importância do ser humano em um todo, o PNHAH (Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar) elaborado com a intenção de oferecer um atendimento mais humanizado por parte dos profissionais envolvidos.

A humanização é entendida como valor, na medida em que resgata o respeito à vida humana. Abrange circunstâncias sociais, éticas, educacionais e psíquicas presentes em todo relacionamento humano. Esse valor é definido em função de seu caráter complementar aos aspectos técnico-científicos que privilegiam a objetividade, a generalidade, a causalidade e a especialização do saber. (BRASIL, 2001, p.52).

É importante refletir que, por meio da classe hospitalar, a criança continuará a manter seu vínculo com seu mundo fora do hospital, pois, por meio das atividades, nutrirá contato com o mundo exterior.

Nesse contexto, o enfoque principal da escola e do hospital é manter a continuidade dos estudos da criança hospitalizada, para que a mesma não venha perder o seu curso e não converta em repetência, para não interromper seu ritmo de aprendizagem.

A partir de 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente, houve um aumento significativo da atividade pedagógica dentro das instituições de saúde públicas em nosso país.

Segundo Ceccim (1999):

Apesar de ser na Política Nacional de Educação Especial (MEC/SEEESP, 1994/1995) que a educação em hospital aparece como modalidade de ensino e de onde decorre a nomenclatura, conclui-se que: esta oferta educacional não se resume às crianças com transtornos do desenvolvimento, como já nos foi passado (anos 50 e 80), mas também às crianças em situação de risco ao desenvolvimento, como é o caso da internação Hospitalar.

Considera-se o perfil de compromisso que a educação assume com a proposta de resgatar a possibilidade do educando em dar continuidade aos seus estudos a partir do que expressa o parágrafo 2º, art. 58 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº9. 394/96, onde se lê que: "O atendimento será feito em classes, escolas, ou serviços especializados sempre que, em função das condições específicas do aluno não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular".

Infelizmente, nem todos os hospitais dispõem de um espaço exclusivo como salas de aula para que possam desenvolver esse atendimento pedagógico a fim de que os pacientes possam ter suas necessidades educacionais atendidas. Para cada criança o tempo de permanência no hospital é diferente quanto à duração, o que não altera o seu objetivo.

Segundo Barros (1999): "A trajetória acadêmica de muitos pacientes é permeada pela evasão, pelo ingresso tardio, ou pela exclusão promovida pelo próprio sistema educacional".

O objetivo de oferecer acompanhamento curricular deve prever que todas as áreas do conhecimento sejam contempladas. Por conta disto, o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos promovidos nas enfermarias e classes, possui um caráter individualizante.

A pedagogia hospitalar vem mostrar que a educação não acontece somente em um ambiente escolar, ela também deve garantir o direito à educação a todos, não importando em qual o ambiente ela é realizada.

3. CONCEITO E OBJETIVOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar tem se apresentado como uma ponte entre a educação e a saúde, desempenhando o seu papel em busca de ideais, devolvendo a criança e o adolescente hospitalizados, em idade escolar, o direito à sociabilidade.

Sobre a trajetória da pedagogia no ambiente hospitalar, Mugiatti e Matos (2006) a abordam de forma objetiva. Essa abordagem ocorre em todo o seu contexto de forma complexa envolvendo profissionais da saúde e da educação juntos em um único objetivo, o atendimento biológico e psicológico do educando, bem como as necessidades pedagógicas da criança e do adolescente hospitalizado.

Segundo Matos e Mugiatti (2006), o pedagogo deve estar atento, ser prestativo e continuar preparado, incitando e encorajando o escolar a estudar e a dominar esta etapa da hospitalização.

Segundo as autoras, a Pedagogia Hospitalar busca modificar situações e atitudes junto às crianças e aos adolescentes internados, envolvendo-os em ambiente de modalidades buscando assim, o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança e adolescente hospitalizado.

Para Fonseca (2003), a criação de classes escolares em hospitais é resultado do reconhecimento de que crianças hospitalizadas, independentemente do período de permanência no hospital, têm necessidades educativas e direitos de cidadão, educação.

A legislação brasileira reconhece e assegura o direito de crianças e adolescentes hospitalizados ao atendimento pedagógico-educacional.

Segundo Ceccim (1997), a criança que necessita de internação hospitalar ou tratamento médico, necessita de especial atenção não só na área da saúde, mas também no desenvolvimento psíquico e cognitivo ². Além das

² No filme "O amor é contagioso" de Tom Shadyac, da Universal Filmes, destacamos uma cena na qual o Dr. Patch Adams diz que o paciente necessita muito mais que remédio.

necessidades emocionais e recreativas, a criança também tem necessidades intelectuais.

O autor acredita que a criança doente pode brincar, aprender, criar e principalmente, continuar interagindo socialmente, e que muitas vezes, isso ajuda na sua recuperação.

Para Vygotsky (2000) não existe melhor maneira de descrever a educação do que considerá-la como a organização dos hábitos de conduta e tendências comportamentais adquiridos.

Para ele, os meio físicos, sociais e culturais são importantes no desenvolvimento das funções psicológicas da criança. Ressalta que a influência e a importância da interação com o meio e com as pessoas, da fala, dos brinquedos, dos jogos, das brincadeiras, dos gestos, dos faz de conta e dos desenhos feitos e vivenciados pelas crianças, são coisas sérias, que ajudam no seu desenvolvimento.

A criança, primeiro controla o ambiente por meio da fala. Com isso interage com o meio se comunicando, responde aos estímulos, estabelece novas relações com ele, organiza o próprio comportamento, assim, seu lado cognitivo é beneficiado.

O Ministério da Educação-MEC chama o atendimento educacional especializado em ambiente hospitalar de **classe hospitalar**. Já Fonseca (2011) defende o conceito de **escola hospitalar**. A autora defende a ideia de que o processo de desenvolvimento e aprendizagem da classe hospitalar deve ser observado e trabalhado da mesma forma em qualquer escola. Na classe hospitalar existe um professor habilitado para fazer o acompanhamento escolar e dá assistência às crianças enfermas.

Segundo Fonseca (2011), parte desses professores não possuem formação em pedagogia, são formados em áreas específicas como: matemática, português, geografia, história e outras. Estão habilitados para lecionar cada um em sua área, mas, não podem atuar como pedagogo. Ela defende que toda

classe hospitalar tenha estrutura e seja encarada com qualquer outra escola. A diferença é que ela está inserida dentro de um hospital.

Outro termo também muito usado em eventos científicos para definir essa modalidade de ensino é pedagogia hospitalar.

Aqui no Espírito Santo, quem atua como profissional na classe hospitalar é o professor. O governo estadual, que é o órgão responsável pela classe hospitalar julga não ser necessária a atuação de pedagogo nos hospitais do estado.

A maioria das classes hospitalares no Brasil está sob a responsabilidade do governo estadual.

A Pedagogia Hospitalar infelizmente, como já pronunciada anteriormente, não é uma área muito conhecida e divulgada, mas, ela vem aos poucos ganhando seu espaço. Muitos teóricos como pedagogos, professores, psicólogos, médicos e outros, vêm abraçando essa causa e o número de classes hospitalares, aos poucos, vem aumentando.

Um dos objetivos da classe hospitalar é defender e garantir o direito à educação, à cidadania, ao respeito e à dignidade da criança e do adolescente hospitalizado.

A educação e a saúde juntas para humanizar esse trabalho e ter a visão, a atenção não só para a saúde física do paciente, mas também para as necessidades emocionais, afetivas e sociais de cada paciente.

3.1 A PEDAGOGIA HOSPITALAR SOB A PERSPECTIVA DA LEGALIDADE

Conforme aponta a Constituição de 1988, toda criança e adolescente com necessidades especiais têm direito ao atendimento escolar garantido por lei. Entretanto, não há investimentos suficientes para que esse direito se torne uma realidade na prática.

Ainda que existam leis que determinem a necessidade e a influência fixa de Classes Hospitalares no Brasil, percebe-se a inexistência de um atendimento completo nessa modalidade de ensino.

Conforme aponta o Decreto da Lei 1044/69, alunos que se encontram em condições especiais, têm o direito a um atendimento pedagógico domiciliar, onde a escola deverá fazer o acompanhamento de acordo com a saúde do educando e as condições da instituição para este tipo de atendimento.

O art. 2 da Lei 1044/69, prevê como objetivo: “Atribuir a esses estudantes, como compensação da ausência às aulas, exercício domiciliares com acompanhamento da escola, sempre que compatíveis com o seu estado de saúde e as possibilidades do estabelecimento”.

Portanto, compreende-se que é preciso um atendimento em classe hospitalar para esses alunos.

No que diz respeito à legislação, o Brasil tem leis que garantem a saúde e a educação a todos. No texto da Constituição Brasileira, lemos no Art. 227 que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, (BRASIL, 1988).

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, também, veio em seguida garantir esse direito. Lemos nos seus artigos terceiro e quarto que:

Art. 3º. A criança e o adolescente gozam de todos os direitos Fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, (BRASIL, 1990).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MEC 1996), também garante que a oportunidade de desenvolvimento e aprendizagem da criança e do adolescente não sejam suspensas.

Hoje, alguns estados já estão se preocupando com a escolarização das crianças e do adolescente em tratamento médico.

No estado de São Paulo, encontramos no Portal nippoBrasil³ online, o projeto de Lei 363/2012 do vereador Aurélio Nomura (PSDB-SP), que cria o programa “Atendimento Pedagógico Hospitalar para Crianças e Adolescentes Hospitalizados”, foi sancionado pelo Prefeito Fernando Haddad tornando-se Lei Municipal nº 15.886 em 4 de novembro de 2013⁴.

A lei tem como objetivo atender as necessidades dos estudantes hospitalizados ou em tratamento médico, e promover a integração dos mesmos nas atividades escolares que ainda estão sem atendimento, elevando assim sua autoestima, a motivação e preparando para seu retorno à escola, quando tiverem alta, ter esse atendimento garantido através da classe hospitalar. Assim, todos os pacientes pediátricos são respeitados em seu direito e dariam continuidade à educação.

Para Fonseca (2001, p. 21),

A escola hospitalar deveria ser implantada como se implanta qualquer outra escola... ...Como muitas das escolas nem mesmo têm suas necessidades atendidas pelo poder público responsável, a atuação da escola hospitalar tende ser mais precária. É por isso que podemos dizer que, mesmo no século XXI, muitas escolas em hospitais existem por conta da exaustiva luta de alguns professores que tentam garantir o direito à escola também à criança hospitalizada.

No estado do Espírito Santo esse atendimento é feito através de convênio do governo com alguns hospitais, dentre os quais temos o Hospital Dório Silva, Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória, Hospital Infantil de Vila Velha e a ACACCI.

³ Disponível em www.nippo.com.br/2.politica/20131107_01p.php

4. UM BREVE OLHAR SOBRE OS ESTUDOS NO CAMPO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Nesse capítulo traremos alguns estudos realizados no campo da pedagogia hospitalar. Em nosso olhar, tais estudos ajudam a melhor compreender tanto os desafios quanto as possibilidades existentes nessa área de estudo e atuação.

O primeiro estudo que trazemos é o de Trugilho (2003). A autora em sua pesquisa de mestrado, realizado na Universidade Federal, buscou compreender, esclarecer e descobrir qual o sentido da escolaridade para as pessoas que vivenciam o trabalho da Classe Hospitalar.

Trugilho (2003) diz que, no atendimento de crianças e adolescentes hospitalizados, verificou que as doenças crônicas e o tratamento destas, em especial o câncer, provocam o afastamento da escola, acarretando perdas na escolaridade destes sujeitos. Considerando o olhar das pessoas que vivenciam o trabalho da Classe Hospitalar, autora escreve que,

É utilizando-se deste ouvir-ver-sentir, na especificidade deste estudo, que o mesmo se reportará à criança hospitalizada, buscando captar o que ela tem a informar e revelar sobre o papel da escolaridade em sua vida, considerando o aspecto relevante para este estudo, e com isso (des) cobrir, (des) velar e (com) preender o seu sentido. (TRUGILHO, 2003, p.14).

A autora realizou seu trabalho de observação das crianças e dos adolescentes hospitalizados no Hospital Infantil e da ACACCI durante seis meses, do mês de agosto de 2002 a janeiro de 2003. Ela escolheu o método fenomenológico⁵ de pesquisa para desenvolver seu trabalho por considerá-lo o mais viável.

Trugilho (2003) envolveu diretamente instituições e pessoas como: Órgãos Governamentais e não Governamentais, Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória (HINSG), a Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil (ACACCI),

⁵ (Segundo Moreira (2002, p. 136) a fenomenologia é uma filosofia, bem como um método de investigação para se estudar o sentido da experiência vivida.).

crianças e os adolescentes hospitalizados, seus familiares, alguns profissionais do hospital, professoras, recreadoras, voluntárias e estagiárias.

Trugilho (2003) encerra seu estudo dizendo que não tem uma conclusão fechada e definitiva. Ela prefere deixá-lo em aberto. Mas firma que a classe hospitalar ajuda os pacientes em tratamento médico e em sua recuperação.

Em seu trabalho a autora mostra a vivência dos pacientes pediátricos, mostra suas dores, dificuldades, tristezas, alegria, esperança, coragem e otimismo, mesmo diante de um quadro não muito satisfatório. E isso é muito importante para o nosso trabalho, a atuação do professor através do atendimento educacional especializado em ambiente hospitalar, pois nos mostra que a atuação do professor vai além do conhecimento das leis, normas, regras, convenções, conhecimento dos conteúdos.

O segundo estudo que trazemos é o de Santos (2011). A autora, em sua dissertação traz como justificativa o exercício das funções como educadora hospitalar por parte da pesquisadora e destaca como objeto de sua pesquisa, a formação de professores como base da Pedagogia Hospitalar.

Por meio de estudos teóricos e bibliográficos; análise de documentos a autora realizou uma investigação qualitativa de informações acerca da formação do docente hospitalar. Como problemática de sua pesquisa, Santos (2011) questiona se os professores da Rede Municipal de Ensino estão sendo preparados para educar alunos que se encontram doentes nas escolas, nos hospitais ou em albergues.

O objetivo do trabalho desenvolvido pela autora foi analisar a formação continuada de professores na perspectiva da inclusão educacional ofertada pelo Centro de Formação dos Profissionais da Educação (CEFPE) da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia.

Baseando-se em documentos oficiais e em diversos autores, Santos (2011) buscou a sustentação teórica para realização de sua pesquisa. A autora, em sua pesquisa, destaca a Pedagogia Hospitalar como proposta legítima de garantia de educação para todos, no caso dos alunos doentes, defendida por

muitos estudiosos do assunto e bastante difundida em outras localidades, mas que ainda não integra, de fato, as ações dos gestores da educação escolar, no município de Goiânia.

O terceiro estudo, que destacamos é o de Comin (2009) uma dissertação realizada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que discutiu sobre os saberes docentes na classe hospitalar.

Segundo a autora, seu primeiro contato com o atendimento pedagógico oferecido no ambiente hospitalar foi no ano de 2000, onde teve a oportunidade de conhecer e trabalhar junto à classe hospitalar existente no Hospital Universitário de Santa Maria/HUSM, vinculada ao setor de Hemato-Oncologia.

A autora destaca, em seu estudo, a importância de se analisar a questão da prática pedagógica como algo bastante significativo na construção do campo da ciência da educação; evidencia uma busca por compreender a complexidade da ação docente, e destaca a importância de se pensar a formação numa abordagem que vá além do acadêmico, envolvendo o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional da profissão docente.

Para a autora o professor é compreendido como um mobilizador de saberes: profissional e os relacionados com sua pessoa, sua identidade, experiência de vida e sua história profissional.

Ao analisar e entrelaçar os achados da pesquisa, Comin (2009) verificou que, para atuar na classe hospitalar, as professoras lançam mão dos diferentes saberes adquiridos durante toda a sua história, não somente de formação para o magistério, mas de todo a sua trajetória de vida, sua experiência, quer sejam profissionais ou pessoais. O que confirma que os saberes das professoras são plurais, e também multi-temporais, adquiridos através de certos processos de aprendizagem da socialização que atravessam tanto a sua história de vida quanto a sua carreira.

Para a autora, as práticas pedagógicas das professoras da classe hospitalar, tanto “na sala de aula”, quanto no leito, são práticas alicerçadas na gestão do cuidado e na compreensão do outro como legítimo outro e conclui que buscou,

com este estudo, trazer considerações que possam somar-se as discussões e reflexões acerca do trabalho docente realizado em classe hospitalar, assim como incentivar outros estudos que venham contribuir com o atendimento educacional hospitalar.

O quarto estudo, o de Braggio (2014) buscou apresentar a importância da brinquedoteca hospitalar como auxílio na recuperação de crianças hospitalizadas e como a Pedagogia Hospitalar atua nesse atendimento. A autora nos faz refletir acerca do afastamento da criança por causa da doença, do meio a qual esta inserida.

O objetivo do estudo foi mostrar o papel do educador nessa modalidade de ensino, suas experiências ali vivenciadas num espaço não formal e como o brincar faz diferença na recuperação da criança. Através da estratégia do brincar aplicada por Braggio (2014) visando à humanização da criança, pode-se perceber a recuperação daquelas que encontravam hospitalizadas.

Segundo Braggio (2014), em sua metodologia o brincar produz impacto positivo no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. Como resultado de sua pesquisa, observou-se o pouco uso da brincadeira na brinquedoteca como recurso para o cuidado no hospital.

Com a leitura dos estudos acima verificamos que o trabalho do professor na classe hospitalar ocupa um lugar importante na vida das crianças e adolescentes em tratamento médico. Em todos os trabalhos analisados, as autoras são unânimes em dizer que quando os pequenos pacientes se ocupam com outras coisas que não os remédios, exames, médicos, enfermeiras, a rotina e frieza de um hospital, a vida passa a ter outro sentido.

Suprir as necessidades físicas, emocionais, cognitivas e educacionais destes alunos, através da continuidade aos estudos e o brincar podem amenizar o sofrimento das crianças e adolescentes trazendo um novo olhar para a vida ajudando-os em sua recuperação.

Outro ponto abordado é que para se atuar nessa área é necessário muito mais que uma formação acadêmica. A prática da classe hospitalar exige: dedicação, amor, carinho, compreensão, cuidado, sensibilidade e respeito.

As crianças nem sempre estão dispostas a receberem o atendimento dos professores. Há dias em que elas preferem repousar. O professor precisa estar atento e respeitar os limites e o momento de cada um.

4.1. APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO SEGUNDO VYGOTSKY

Pensando em escolarização no ambiente hospitalar, o educador tem o compromisso não apenas com a inserção e reinserção escolar, mas fundamentalmente, com o sucesso escolar das crianças em situação de adoecimento, já que a criança vive a doença como uma situação de privação, pois impede que a mesma realize as suas atividades rotineiras.

Por isso, a hospitalização prolongada pode causar danos ao desenvolvimento emocional e social de crianças e adolescentes, pois impedem as experiências concretas de vida, essenciais ao desenvolvimento da psique, ou seja, a criança deixa de participar de todo o ambiente social, familiar, cultural onde convive e que são mediadores para a sua aprendizagem.

Porém, esta situação pode ser minimizada através do trabalho conjunto da equipe hospitalar e de um professor. A atuação pedagógica em hospitais vem crescendo, pois é um atendimento que procura inserir a criança ou adolescente enfermo novamente em seu meio social e, principalmente educacional.

Fazendo um estudo sobre o Desenvolvimento e Aprendizagem da criança hospitalizada, percebemos em Vygotsky (1997) uma preocupação acerca do desenvolvimento. O autor busca compreender a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos ao longo da história da espécie humana e da história individual. Vygotsky enfatiza, em sua obra, a importância dos processos de aprendizado. Para ele, desde o nascimento da criança, o

aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”.

Portanto, todo ser humano aprende através de interações e a escola dentro deste contexto possui um papel fundamental, pois a instrução escolar atua diretamente no desenvolvimento dos conceitos científicos, sociais e culturais.

Sendo assim, faz-se necessário que criança se transforme em sujeito do seu próprio desenvolvimento e através de seu testemunho possa compreender, interferir e relacionar-se no mundo que a cerca, onde os conhecimentos são transitórios e, muitas vezes, pouco compreensíveis.

O professor também vive com sensações e emoções de forma intensa e lida com elas no seu limite, tentando auxiliar o aluno da melhor forma possível. Aprender com essas sensações e emoções são como aprender uma nova visão do ensino e as ênfases cognitivas com que se opõem os processos de desenvolvimento, de ensino e aprendizagem.

A educação e a saúde tem o dever de andar de mãos dadas, buscando soluções qualitativas para o aprendizado de crianças e adolescentes hospitalizados. Ao receber o conhecimento por meio da educação, terão forças para reagir ao tratamento, renovando seu fôlego e recompondo sua saúde.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Considerando nossas intenções e objetivos com o presente estudo e diante dos dados coletados no campo de pesquisa, organizamos nossas reflexões acerca dos dados coletados a partir das observações, dos questionários e entrevistas realizadas com três pedagogas: Maria Silva, Karina Lima e Roberta Rocha⁶, verificamos que a pedagogia hospitalar é uma área realmente pouco conhecida e divulgada.

Quando perguntamos na entrevista sobre o porquê delas terem escolhido a classe hospitalar, como local de trabalho, as mesmas não responderam com clareza. Uma delas disse que foi para o hospital, pois a escola onde ela trabalhava foi municipalizada e como era efetiva tinha que ir para sala de aula. Como já não havia mais escola para ela trabalhar e a localização dela era próxima ao hospital, então foi transferida para trabalhar na Classe Hospitalar. Ressalta que antes nunca tinha ouvido falar sobre Classe Hospitalar e muito menos sobre essa área de atuação.

Podemos observar o descaso com o ensino realizado dentro dos hospitais, vimos que as próprias pedagogas não eram capacitadas para exercer tal função, uma vez que nunca ouviram falar sobre esse modo de ensino em hospitais.

Evidencia-se que nem mesmo os próprios funcionários se importam com a qualidade do que eles mesmos ensinam e, muito menos, com o que diz a Lei no parágrafo 2º, no art. 58 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº9. 394/96, onde se lê: "O atendimento será feito em classes, escolas, ou serviços especializados sempre que, em função das condições específicas do aluno não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular" ou com o que prescreve o art. 2º da Lei 1044/69, que traz como objetivo: "Atribuir a esses estudantes, como compensação da ausência às aulas, exercício domiciliares com acompanhamento da escola, sempre que

⁶ Nomes fictícios dados as pedagogas entrevistadas no Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória..

compatíveis com o seu estado de saúde e as possibilidades do estabelecimento”.

Pela legislação brasileira, a educação é um direito de todos no território brasileiro. Sendo assim, as crianças e adolescentes que se encontram impedidos de frequentar a escola, devem ter esse direito assegurado através da classe hospitalar. O ensino é um bem que todas as crianças e adolescentes têm direito.

A lei ampara as crianças e adolescentes que estão hospitalizadas ou em tratamento domiciliar, que necessitam de atendimento especial. A pedagogia hospitalar está inserida na Educação Especial e tem competência para fazer este atendimento.

No Estatuto da Criança e do Adolescente, através da Resolução nº 41 de outubro de 1995, no item 9, diz que a criança ou o adolescente tem: “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

Portanto, compreende-se que é preciso um atendimento em classe hospitalar para esses alunos, quando em situação de internação. No que diz respeito à legislação, o Brasil tem leis que garantem a saúde e a educação a todos. No texto da Constituição Brasileira, lemos no Art. 227 que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Nesta linha de raciocínio e focando especificamente nas entrevistas sobre a classe hospitalar, percebe-se que existe uma grande dificuldade para o cumprimento das leis estabelecidas nos artigos da LDB, pois a educação é direito de todos. Não presenciamos motivação, materiais disponíveis para esse atendimento, nos momentos de observação realizados no Hospital.

O atendimento educacional especializado aqui no Espírito Santo acontece em apenas três hospitais. A SEDU só tem convênio com o Hospital Dório Silva, o Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória e no Hospital Infantil de Vila Velha.

O Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória não possui um pedagogo, a SEDU julga não ser necessária à presença de um. O trabalho da classe hospitalar está sob a responsabilidade de uma contadora, que sensibilizada pela necessidade dos pacientes, se propôs a assumir o trabalho.

No Hospital Infantil existem professores graduados em letras português e inglês, em matemática, ciências, história, geografia e artes, para atenderem o ensino fundamental II e o ensino médio. Para o ensino fundamental I, os professores que atuam são graduados em pedagogia.

Em observação no hospital Infantil vimos que o atendimento na educação infantil fica prejudicado porque essa área está vinculada às Secretarias Estaduais, e que poucas têm convênio com as prefeituras, que são responsáveis por esse atendimento. Isso só veio confirmar o que Fonseca (2011) diz em seu livro:

Frisamos que a educação infantil no ambiente hospitalar é muito importante, pois cerca de 60% das crianças que se hospitalizam em idade escolar já experimentaram períodos anteriores de internação. Veja que, por isso, a educação infantil não deve e não pode ser negligenciada. Isso vale não apenas para os hospitais exclusivamente infantis, mas também para os hospitais gerais que são referência pediátrica em alguma patologia. (FONSECA 2011 p.23).

A SEDU não faz atendimento na educação infantil, mas, todos os professores fazem atendimento para qualquer um. Não importa a idade e nem qual a formação do professor. Segundo a pedagoga⁷ do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória: “ficamos com dó”. Eles ficam olhando nosso atendimento e pedem se não poderíamos dar lição para eles também. “Não resistimos a aquelas carinhas e fazemos o possível, e até o impossível para atendermos. Todas nós temos uma pasta com várias lições, com vários assuntos e para todas as idades”.

⁷ Maria Silva

Para suprir a falta de materiais para a realização do trabalho, o hospital conta com doações de empresas, pessoas físicas, bazares e verba vinda da campanha Mc Dia Feliz.

Apesar do atendimento precário, a visão de algumas mães a respeito da classe hospitalar no hospital Infantil Nossa Senhora da Glória é positiva. Perguntamos para algumas qual a visão delas sobre a Pedagogia Hospitalar, e queremos destacar o depoimento de uma mãe:

Na vida do meu filho foi muito importante. Ele tinha acabado de fazer cirurgia, não podia ir à escola do nosso município em Guarapari. Assim, ele ficou muitos dias internado no leito, então ele foi alfabetizado no hospital. Nossa! Tudo que ele aprendeu, tudo o que ele conseguiu desenvolver, foi com a ajuda delas. Foi um processo. Tem algumas que trabalham hoje aqui ainda, mas teve algumas que só passaram pela vida dele deixando lembranças boas que foi o ensinamento que passou pra ele. Têm outras que continuam, mas, fico muito feliz. O trabalho delas foi muito importante na vida dele (MÃE DE ALUNO INTERNADO).

Quanto ao benefício que a classe hospitalar para a vida de seus filhos, as mães ressaltam a importância do trabalho, pois o atendimento educacional especializado traz incentivo, motivação, desenvolve a coordenação motora através das histórias que elas ouvem, das atividades realizadas e principalmente do carinho que as professoras têm. Ressaltam também a importância da integração com outras crianças na mesma situação que elas. Assim, elas não ficam isoladas, sozinhas, elas se agrupam, se familiarizam, criam um laço de amizade com outras crianças, às famílias se ajudam e confortam as outras dando força para enfrentarem mais facilmente as dificuldades vividas por elas.

São mães como essas que animam e dão força para que as professoras continuem o seu trabalho. Segundo as professoras o trabalho é difícil pois, em um dia falam com as crianças, passam atividades, contam história, se dependem, e no outro dia ao chegarem para outro atendimento, alguém diz sobre uma das alunas/pacientes: *“Ela virou estrelinha”*. Uma professora conforta a outra e diz que ela fez a sua parte, então enxugam suas lágrimas e pensam nas outras crianças que estão esperando por elas.

No Hospital Infantil de Vila Velha não foi possível saber como funciona a classe hospitalar.

O trabalho da classe hospitalar não é considerado pelas escolas. Muitas delas até desconhecem o trabalho da pedagogia hospitalar ou não estão preparadas para fazerem o atendimento.

Os hospitais enviam uma carta comunicando o motivo do afastamento do aluno da escola. Nesta carta, o hospital pede para que a escola envie as lições e atividades para serem realizadas no período em que as crianças estiverem em tratamento médico. E são poucas que enviam o material. Algumas vezes, se faz necessário uma professora do hospital ir até a escola buscar o material ou, pelo menos, saber quais os livros estão sendo utilizados para elas.

Portanto não existe de fato um envolvimento e um apoio das escolas para o atendimento às crianças e adolescentes impedidos de frequentarem a escola.

Não foi possível conhecer as diretrizes/orientações institucionais, no âmbito do Estado do Espírito Santo, para essa área do atendimento educacional, pois as exigências feitas pela Secretaria de Educação para a realização das entrevistas foram muitas e não tivemos tempo suficiente para a conclusão do trabalho. Mas, em uma conversa informal com a pessoa responsável pela classe hospitalar no Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória tivemos acesso a documentos com as diretrizes/orientações da SEDU. Nele consta que para a contratação de professores é necessário que o candidato tenha formação superior, pós-graduação em Educação Especial e que tenha no mínimo dois anos de experiência na área da Educação Especial. Mas, esse documento está desatualizado há dez anos.

Por exemplo, a política de contratação/formação dos profissionais que atuam nessa área, segundo informações, a cada ano é feito um edital diferente, com exigências diferentes. Mas, o último edital foi mais flexível.

As parcerias e as ações de interlocução entre a saúde e a educação são distantes. Os profissionais da saúde respeitam, mas não se envolvem. Cada um faz seu trabalho. E muitas vezes o trabalho da educação fica prejudicado pelas exigências feitas pela área da saúde.

Por exemplo: se o soro de um aluno está acabando, se ele vomita ou precisa de algum atendimento médico, o professor não pode chamar a enfermeira ou médico. Temos que procurar alguém da família para fazer a solicitação de ajuda.

Compreendemos que algumas exigências são para proteção dos pacientes e do professor, mas, atrapalha bastante. O professor não deve se aproximar do paciente, da cama ou cadeira que ficam dentro das enfermarias, área da oncologia, isolamento, etc. O professor tem que ficar em pé, segurando todo o material que será utilizado no atendimento.

Já na sala da classe hospital é feito o atendimento para as crianças que podem sair do quarto ou estão no hospital somente para revisão ou exames. O atendimento é feito com todas as normas de segurança.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos centrais de nossa pesquisa foram investigar quais são as orientações e diretrizes que balizam a oferta do atendimento hospitalar nas situações de internação de alunos que estão regularmente matriculados na Educação Básica, além de conhecer e compreender quais são os desafios e possibilidades da pedagogia hospitalar no contexto que ela é praticada.

Buscamos ajuda nas poucas literaturas que a área possui, lemos alguns trabalhos acadêmicos realizados por pesquisadores interessados pela pedagogia hospitalar, conversamos com alguns profissionais da área, observamos o trabalho deles, conversamos com familiares e com algumas crianças e chegamos à seguinte conclusão: Atendimento Educacional Hospitalar é uma área de ensino, não muito conhecida, ela é pouco divulgada.

Não há apoio dos governantes e um interesse efetivo por parte deles para esta área de trabalho (é uma área que deixa muito a desejar em termos políticos). Faltam recursos financeiros, faltam profissionais especializados e há poucos professores com conhecimento desse tipo de atendimento, e os que têm, mantêm uma visão um pouco romântica sobre o assunto.

Muitas escolas não consideram, não valorizam ou até mesmo desconhecem o trabalho da classe hospitalar, alguns pais não sabem de sua existência, e desconhecem os direitos sobre ela, falta de conhecimento da existência de leis que garantem estes benefícios a todos os brasileiros. O quadro crítico da saúde e da educação no Brasil impede a realização e a divulgação do trabalho da pedagogia hospitalar às crianças e adolescentes que necessitam de uma atenção especializada.

Dessa forma, concluímos que é preciso divulgar mais a classe hospitalar, e fazer conhecido esse trabalho. Os professores e futuros professores que atuam ou querem atuar nessa área precisam fazer a diferença, mesmo que falem verbas, recursos didáticos, apoio do governo, falta de preparo para atuar na

pedagogia hospitalar. Precisamos nos unir e lutar para que a classe hospitalar seja respeitada e tenha uma educação de qualidade.

Concluimos, por fim, que as ações educativas desenvolvidas no ambiente hospitalar aqui no Espírito Santo não acontecem como deveriam acontecer e mostramos que o Atendimento Educacional Especializado em Ambiente Hospitalar, dentro destes hospitais investigados não contribui para um aprendizado efetivo e eficaz.

Em contexto hospitalar, o papel do pedagogo geralmente se revela diante da necessidade crescente de atendimento educacional para pacientes em idade escolar e que devido ao seu adoecimento são impossibilitados de frequentarem as aulas regulares da escola. Esse ofício que envolve a pedagogia hospitalar não só demonstra a preocupação em proporcionar melhorias nos aspectos educacionais e sociais desses pacientes/alunos, mas também legitima o direito dos mesmos em ter acesso à educação.

Queremos ressaltar a importância do professor na classe hospitalar. Mas um professor que não se contente com sua formação acadêmica e especializações, mas, um professor que esteja disposto a pesquisar, a buscar mais informações sobre a prática, do dia-a-dia da classe, da vida dos alunos e de suas limitações. Um professor que respeite essas limitações, que se preocupe não somente com o trabalho educacional, pois o trabalho da classe hospitalar é diferente do da sala de aula, a prática é outra. Para que o professor faça um bom trabalho é necessário que ele tenha um olhar humanizado.

A observação nos hospitais, a leitura de pesquisas, a conversa com profissionais que atuam nas classes, a conversa com os pais das crianças internadas, nos mostram que a doença traz tristeza, desânimo, ansiedade e medo para os pequenos pacientes, mas a classe hospitalar pode ajudar na recuperação deles diminuindo esses sintomas. O paciente pediátrico pode dar continuidade à sua escolarização, o que torna os períodos de internação e tratamento menos dolorosos, e infelizmente são poucos hospitais aqui no Espírito Santo, que possuem ações educativas especializadas.

Apesar de todas essas considerações afirmamos que aqui no Espírito Santo o

Atendimento Educacional Especializado em Ambiente Escola não cumpre o objetivo de proporcionar um ensino de qualidade aos alunos em tratamento médico.

Qualquer que seja a área que vamos atuar, não basta só ensinar. É necessário criar condições que possibilitem a transmissão do conhecimento, assim, os alunos construirão seus próprios aprendizados dentro ou fora das salas de aula.

Nesse sentido, o professor pode trazer contribuições ao ambiente hospitalar através de uma prática pedagógica humanizada que abre portas para um olhar mais humano e educacional, possibilitando situações de ensino-aprendizagem.

Uma certeza é possível haver aprendizado e desenvolvimento em um ambiente do complexo com da classe Hospitalar. Ela é muito importante para vida da criança internada ou em tratamento médico. As crianças são unânimes em dizer que gostam das atividades do hospital.

7. REFERÊNCIAS

BRAGGIO, Jaqueline. O sentido de ser educadora das/nas brinquedotecas do Hospital Infantil de Vitória/ES: Um estudo a partir dos conceitos de experiência, narrativa & cuidado. Universidade Federal do Espírito Santo/Centro de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação. Vitória, 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação– 9394/96.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente– Lei nº 8069/90.

BRASIL. Ministério da Educação, 2002.

_____. Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. / Secretaria de Educação Especial.

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo Roberto Antonaci (Orgs.). Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta a vida. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

COMIN, Juliana Oliveira; dissertação – Os Saberes Docentes na Classe Hospitalar; Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 17/10/95 - Seção I, p.163/9-16320 - Brasília - Distrito Federal.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. Pedagogia Hospitalar: A humanização integrando educação e saúde. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE/SECRETARIA DE SAÚDE: Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. Brasil, 2001.

SANTOS, Divina Ferreira de Queiroz. dissertação – Formação do professor para a Pedagogia Hospitalar na Perspectiva da Educação Inclusiva na Rede

Municipal de Goiânia; Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia – 2011.

Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 – nº 1 – 2012.

TRUGILHO, Silvia Moreira. Dissertação – Classe Hospitalar e a Vivência do Otimismo Trágico: Um Sentido da Escolaridade na Vida da Criança Hospitalizada; Google Acadêmico, 2003.

VIGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

OLIVEIRA, Marta K. de. Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento; Um Processo Sócio Histórico. 4. ED. São Paulo: Scipione, 1997.

- www.escolahospitalar.uerj.br: Primeira pesquisa que mapeou as escolas hospitalares, 1997.

APÊNDICE A

O resultado de pesquisa segue com nomes fictícios. Para a elaboração foram entrevistadas três crianças e três mães com o consentimento, no local encontrava-se mais criança, infelizmente os pais estavam ausentes dificultando assim o desenvolvimento do nosso trabalho.

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTAS COM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS:

PRIMEIRA CRIANÇA (Filho de D)

1 - Você gosta de estudar?

Sim (X) Não ()

2 - Na escola o que você mais gosta de fazer?

R: Matemática.

3 - Qual é a sua matéria preferida?

Arte (X)

Inglês (X)

Matemática (X)

Português (+ / -)

Geografia (+ / -)

Ciências (X)

História (+ / -)

Educação Física (X)

Ensino Religioso (não tem)

4 - Você gosta de:

Ler livros (S)

Ler gibis (S)

Assistir TV (S)

Ouvir música (S)

Cantar (N)

Desenhar (S)

Pintar (S)

Modelar (S)

Recortar e colar (N)

Quebra-cabeça (S)

Brincar (S)

Conversar (S)

Ouvir histórias (S)

Dominó (S)

Baralho (N)

Jogo da memória (S)

Bingo (N)

Ir á igreja, falar com Deus (S).

5 - Você gosta das atividades aqui no hospital?

Sim (X) Não ()

6 - Qual delas você gosta mais?

R: Modelar.

7 - Do que você menos gosta aqui na classe hospitalar?

R: Não gosto muito de desenhar, cansa muito.

8 - O que não tem aqui no hospital, que você gostaria de fazer?

R: Queria que tivesse uma brinquedoteca.

9 - Qual é o seu sonho?

R: Voltar a andar. Comecei a andar com oito meses, hoje eu estou com 10 anos.

SEGUNDA CRIANÇA (filho de L)

1 - Você gosta de Estudar? Sim (X) Não (X)

2 - Na escola o que você mais gosta de fazer?

R: Gosto de Matemática, Ciências e Artes.

3- Qual é a sua matéria preferida?

Arte ()

Inglês ()

Matemática ()

Português ()

Geografia ()

Ciências (X)

História ()

Educação Física ()

Ensino Religioso (não tem)

4 - Você gosta de:

Ler livros (S)

Ler gibis (N)

Assistir TV (S)

Ouvir música (S)

Cantar (S)

Desenhar (S)

Pintar (S)

Modelar (S)

Recortar e colar (S)

Quebra-cabeça (S)

Brincar (S)

Conversar (S)

Ouvir histórias (S)

Dominó (N)

Baralho (N)

Jogo da memória (N)

Bingo (N)

Ir á igreja, falar com Deus (S).

5 - Você gosta das atividades aqui no hospital? Sim (X) Não ()

6 - Qual delas você gosta mais?

R: Modelar e Pintar.

7 - Do que você menos gosta aqui na classe hospitalar?

R: Gosto de tudo.

8 - O que não tem aqui no hospital, que você gostaria de fazer?

R: Uma areia que pudesse jogar bola.

9 - Qual é o seu sonho?

R: Ser pastor, no bairro onde moro, eles me chama de pastorzinho.

TERCEIRA CRIANÇA (filho de S)

1 - Você gosta de estudar? Sim (X) Não ()

2 - Na escola o que você mais gosta de fazer?

R: Fazer dever e brincar.

3 - Qual é a sua matéria preferida?

Arte (S)

Inglês (N)

Matemática (S)

Português (S)

Geografia (S)

Ciências (S)

História (S)

Educação Física (S)

Ensino Religioso (N)

4 – Você gosta de:

Ler livros (S)

Ler gibis (S)

Assistir TV (S)

Ouvir música (S)

Cantar (S)

Desenhar (S)

Pintar (S)

Modelar (S)

Recortar e colar (S)

Quebra-cabeça (S)

Brincar (S)

Conversar (S)

Ouvir histórias (S)

Dominó (S)

Baralho (S)

Jogo da memória (S)

Bingo (S)

Ir á igreja, falar com Deus (S)

5 - Você gosta das atividades aqui no hospital?

Sim (X) Não ()

6 - Quais delas você gosta mais?

R: Matemática.

7 - Do que você menos gosta aqui na classe hospitalar?

R: Nada, tudo eu gosto.

8 - O que não tem aqui no hospital, que você gostaria de fazer?

R: Brincar.

9 - Qual é o seu sonho?

R: Policial quando crescer.

APÊNDICE B

Questionário direcionado às mães de crianças e adolescentes hospitalizados.

PRIMEIRA MÃE**1 - Qual a sua visão no que diz respeito á Pedagogia Hospitalar?**

R: “Na vida do meu filho foi muito importante, ele tinha acabado de fazer cirurgia, não podia ir à escola do nosso município em Guarapari. Assim, ele ficou muitos dias internado no leito, então ele foi alfabetizado no hospital. Nossa tudo que ele aprendeu tudo o que ele conseguiu desenvolver, foi com a ajuda delas foi um processo. Tem algumas que trabalham hoje aqui ainda, mas teve algumas que só passaram pela vida dele deixando lembranças boas que foi o ensinamento que passou pra ele. Têm outras que continua, mas, fico muito feliz o trabalho delas foi muito importante na vida dele”.

2 - Que benefício a Pedagogia Hospitalar traz para seu (a) filho (a)?

R: “Não só pro meu, traz pra todas as crianças assim algo muito especial, porque só do fato dele esta dentro do hospital, não podendo sair pra ir à escola e sabendo que tudo que vai ser aplicado ali pra ele, podendo levar pra cidade de origem isso é muito especial pra eles. Igual ele, se não tivesse tido elas pra ir até o hospital, até a enfermaria pra ensinar, ele ia perder muito tempo e hoje ia ser uma correria muito grande, seria muito triste”.

3 - Existe por parte do governo algum amparo para a família?

R: “Há o governo devia olhar mais, ter mais uma visão, ajudar mais que o crescimento ia ser bem melhor, até pro amparo dele, até pro próprio professor dar uma condição melhor pra vocês ajudar as crianças. Senão tem um amparo suficiente, infelizmente não tem muito que fazer”.

4 - Você como mãe de criança hospitalizada tem encontrado apoio de profissionais para o seu acompanhamento emocional?

R: “Graças a Deus sim, primeiramente a Deus. Nós temos acompanhamento de um profissional graças a Deus”.

5 - Qual a importância de sua permanência na hospitalização de seu (a) filho (a)?

R: “Em tudo na vida do meu filho. Você imagina deixar ele aqui e ter que ficar em casa, em vez de melhorar aqui ele ia piorar, eles não iam saber o que fazer assim como eu. Então isso é muito importante, ele ver que alguém se importa com ele, alguém se preocupa com ele, esta junto dele dando suporte, assim como ele passa isso pra mim. Com a doença a gente aprende mais, a gente cresce mais, então com ele foi todo um processo de crescimento. Eu não vejo como uma tristeza, mas sim como um crescimento tanto espiritual, tanto emocional, filho especial não é para qualquer um. Por isso com a ajuda do profissional, a gente consegue aprender e passar muita coisa pra ele”.

SEGUNDA MÃE

1 - Qual a sua visão no que diz respeito á Pedagogia Hospitalar?

R: “Alegra as crianças, distrai, motiva, tranquiliza, que o hospital não é só injeção, não é só remédio, tem incentivo, motivação na arte, na pintura, nas histórias isso melhora a saúde da criança e deixa mais tranquila”.

2 - Que benefício a Pedagogia Hospitalar traz para seu (a) filho (a)?

R: “Incentivo, motivação, desenvolve a coordenação motora, a inteligência com as histórias que elas ouvem e o carinho também das professoras, integração com outras crianças, elas não ficam isoladas, sozinhas, elas se agrupam, se familiarizam, criam um laço de amizade com outras crianças”.

3 - Existe por parte do governo algum amparo para a família?

R: "Não recebe nenhuma ajuda".

4 - Você como mãe de criança hospitalizada tem encontrado apoio de profissionais para o seu acompanhamento emocional?

R: "sim tem ajudado tanto a mãe quanto a criança".

5 - Qual a importância de sua permanência na hospitalização de seu (a) filho (a)?

R: "É porque a mãe é como se fosse um anjo, ali pertinho dando amor dando segurança, a maior enfermeira é a mãe".

TERCEIRA MÃE**1 - Qual a sua visão no que diz respeito á Pedagogia Hospitalar?**

R: "Eu acho interessante porque ajuda a ativar a memória né, como o meu menino tem dificuldade de aprendizagem, ajuda bastante e a conhecer outros colegas também".

2 - Que benefício a Pedagogia Hospitalar traz para seu (a) filho (a)?

R: "Bastante coisa né, ele aprende várias coisas como o comportamento em casa, como a educação ajuda bastante né e outras coisas".

3 - Existe por parte do governo algum amparo para a família?

R: "Não, pra mim até agora não porque acho que o governo tinha que se interessar mais com as nossas crianças".

4 - Você como mãe de criança hospitalizada tem encontrado apoio de profissionais para o seu acompanhamento emocional?

R: "Não, não tenho porque quando eu fiquei aqui com meu filho na UTIN, tive assim, fazia perguntas, acompanhamento mesmo não, nenhum, nem eu e nem

meu filho. Não, no meu caso eu me separei, tanto que não tive o apoio do meu esposo e quem me ajudou mais foi minha família, mas o principal que era o apoio do pai que era pra ta ali presente, não tive. Tive que largar tudo e ate hoje não posso trabalhar, tudo o que tenho é minha família quem me dá, até o alimento, estou tentando encostar ele e não to conseguindo”.

5 - Qual a importância de sua permanência na hospitalização de seu (a) filho (a)?

R: “Importante porque mãe é tudo, se não for á mãe quem será. Médico ajuda, enfermeira ajuda, mas tem que ser a mãe pra dar aquele apoio, aquela força pro filho seguir em frente”.